



## DE QUAL LINGUAGEM, DOCÊNCIA E ALFABETIZAÇÃO FALAM OS PROFESSORES E PROFESSORAS? Reflexões acerca do processo de alfabetização de crianças

*Camila Besen Koch<sup>1</sup>*

*Maria Aparecida Lapa de Aguiar<sup>2</sup>*

*Eixo temático: 8. Alfabetização e modos de aprender e de ensinar*

**Resumo:** O trabalho em pauta apresenta reflexões acerca do processo de alfabetização de crianças, tecidas no âmbito de uma dissertação de mestrado concluída em 2021 e cujos sujeitos participantes eram alfabetizadores de uma Rede Municipal da Grande Florianópolis/Santa Catarina. Na ocasião, estes profissionais destacaram suas concepções acerca de linguagem, docência e alfabetização a partir de uma entrevista semiestruturada. O objetivo era analisar, por meio das metodologias usadas pelas(os) professoras(es) no ensino de leitura e escrita, se havia pontos de convergência com a perspectiva discursiva. Para este estudo, tomamos como autores basilares Smolka (1987), Goulart (2015; 2019), Mortatti (2019), Gontijo (2007), dentre outros. Na finalização da pesquisa, concluiu-se que os sujeitos participantes, por meio das entrevistas, apresentaram indícios de que suas práticas alfabetizadoras estavam pautadas em vertentes mistas, as quais manifestam, em determinados momentos, vestígios de metodologias consideradas mais tradicionais, da mesma forma em que se inclinam também para práticas metodológicas que se aproximam de uma concepção de alfabetização na perspectiva do letramento, não havendo uma clareza de que conheçam ou se identifiquem propriamente com a abordagem discursiva.

**Palavras-chaves:** Alfabetização; Docência; Linguagem.

### Introdução

Este trabalho é parte de uma pesquisa de Mestrado que teve por pergunta orientadora compreender como e com quais bases teóricas os/as professores/as organizam suas práticas de ensino de escrita e leitura no processo de alfabetização das crianças? A partir dessa

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela UFSC. Professora da Rede Municipal de Antônio Carlos (SC). Contato: [camilabesen17@gmail.com](mailto:camilabesen17@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UFSC. Atualmente é professora do Departamento de Estudos Especializados em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (EED/CED/UFSC). É vice-coordenadora do grupo de pesquisa Formação de Professores e Práticas de Ensino (FOPPE). Está como representante da Região Sul na Diretoria da Associação Brasileira de Alfabetização (ABALF) - gestão 2019-2021 e 2022-2023. Contato: [cida.aguiar@gmail.com](mailto:cida.aguiar@gmail.com)

problemática, utilizando entrevistas semiestruturadas com professoras(es) alfabetizadoras(es) de uma determinada Rede Municipal da Grande Florianópolis (SC), buscamos analisar, por meio das metodologias usadas pelas(os) professoras(os) no ensino de leitura e escrita, se havia pontos de convergência com a abordagem discursiva.

Neste trabalho, faremos o destaque de algumas reflexões tecidas a partir destes relatos, considerando os conceitos de linguagem, docência e alfabetização. Assim, convidamos as (os) professoras(es) que integraram o quadro de alfabetizadores(as) da Rede Municipal de Antônio Carlos<sup>3</sup> no ano de 2020 para participar de nosso estudo por meio de entrevistas semiestruturadas – no total eram quatro profissionais. Destes, dois aceitaram o nosso convite. A partir de questões gerais sobre como organizam suas práticas, os profissionais compartilharam registros importantes.

Dessa forma, organizamos este trabalho considerando a fundamentação teórica na qual destacamos as bases da perspectiva discursiva para a alfabetização, seguida da metodologia utilizada no estudo. Por fim, registramos algumas falas dos(as) professores(as) e tecemos determinadas reflexões que demarcam, conforme destaca-se na conclusão, que as metodologias utilizadas pelos entrevistados inclinam-se para uma proximidade com uma concepção de alfabetização na perspectiva do letramento.

## **2 Fundamentação teórica**

Para o nosso estudo, utilizamos autores basilares como Smolka (1987), Goulart (2015; 2019), Mortatti (2019), Gontijo (2008), partindo da defesa de uma alfabetização na perspectiva discursiva e na esteira do que enfatiza Goulart (2019, p. 14):

[...] concebemos o processo de alfabetização de modo dialético e dialógico, caracterizado pela reconstituição contínua do universo de referências das pessoas, não só linguísticas, portanto, gerando transformações e mudanças qualitativas no entendimento que possuem do mundo.

Smolka (2012, p. 95) destaca a importância do sentido, afirmando que:

A alfabetização implica, desde a sua gênese, a *constituição de sentido*. Desse modo, implica, mais profundamente, uma *forma de interação com o outro pelo trabalho* de escritura – para quem eu escrevo, o que escrevo e por quê?

Logo, em consonância com a perspectiva discursiva, compreendemos que todo o professor é, fundamentalmente, um professor de linguagem e as relações de ensino, são, portanto, um lugar essencialmente de práticas de linguagem.

Bakhtin, ao aprofundar as questões relacionadas à linguagem, difunde o seu conceito

---

<sup>3</sup> Antônio Carlos é uma pequena cidade, com pouco mais de oito mil habitantes, localizada na Grande Florianópolis, distante cerca de 35 quilômetros da capital do estado. O município possui escolas que atendem à Educação Infantil e aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, somando sete unidades escolares. Não há na cidade nenhuma escola privada.

em uma perspectiva dialógica, contrapondo-se às concepções de época:

Aventaram-se, e continuam-se a aventar, outras variantes das funções da linguagem, mas o que permanece característico é não uma ignorância absoluta, por certo, mas uma estimativa errada das funções comunicativas da linguagem; a linguagem é considerada do ponto de vista do locutor como se este estivesse sozinho, sem uma forçosa relação com os outros parceiros da comunicação verbal. E, quando o papel do outro é levado em consideração, é como um destinatário passivo que se limita a compreender o locutor. (BAKHTIN, 2011, p.289).

Nesse sentido, ao tomarmos as experiências construídas no espaço da sala de aula, podemos questionar: qual o papel das crianças? Elas são meras destinatárias passivas que estão limitadas a ouvir aquilo que nós estamos dizendo? Ou, pelo contrário, são agentes vivos do espaço, interlocutores no processo?

Portanto, a alfabetização destacada neste estudo é a que se constitui a partir da interação entre os mais variados sujeitos: professor-crianças, professor-professor, crianças-crianças. Nós aprendemos, sobretudo, com o outro, nas relações que estabelecemos entre nós e os nossos pares. E esse será o pano de fundo para a escrita, a leitura e o estudo sobre os aspectos linguísticos da língua. Nada disso desaparece, pelo contrário, essas facetas tomam forma e significado a partir dessa interação que é permeada pela linguagem, compreendendo-a como um sistema semiótico cuja apropriação envolve a internalização do signo e que é concebida como constitutiva do ser humano, ou seja, a linguagem só existe porque nós, os sujeitos, damos vida a ela. (CORAI, 2019).

Nesse sentido, nossa defesa é justamente a de um ensino que considere a língua na sua totalidade, sem fragmentações e que coloque no centro os sujeitos que farão parte deste processo dialógico: as crianças.

### **3 Metodologia**

Os professores participantes do nosso estudo que compuseram, no ano de 2020, o quadro de professores alfabetizadores da Rede Municipal de Antônio Carlos são, ambos, efetivos com vínculo estável. A carga horária dos dois professores é de 40 horas semanais, indicando que eles possuem duas turmas de trabalho. A professora A atuou por mais de vinte anos em uma outra Rede Municipal, enquanto o professor B atua há quatro anos consecutivos como alfabetizador.

No que tange à entrevista semiestruturada, foram organizadas dez questões gerais que serviriam de direção para as considerações dos participantes. Assim, o nosso foco estava relacionado à seguinte questão: Quais estratégias são usadas pelos professores para alfabetizar?

Além de algumas anotações realizadas durante o momento da entrevista, com a autorização dos participantes, as falas foram gravadas. Nesse sentido, conforme previsto no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina, os professores tiveram suas identidades preservadas, sendo nominados, para fins de melhor compreensão do texto, por meio das letras A e B.

Levantadas as informações iniciais acerca do perfil profissional dos docentes, refletiremos a seguir sobre as estratégias que os professores participantes utilizam para ensinar a ler e escrever.

#### **4 Resultados e Discussão**

Inicialmente, é importante destacar que a Proposta Curricular do Município de Antônio Carlos defende que a alfabetização das crianças aconteça permeada pelas práticas de letramento em um movimento de alfabetizar e letrar:

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita. (ANTÔNIO CARLOS, 2019, p. 107).

Não há, nas pouco mais de sete páginas dedicadas ao desenvolvimento do que é entendido como alfabetização para a Rede, a explicitação da perspectiva discursiva. Logo, a partir das entrevistas buscamos analisar, por meio das metodologias usadas no ensino de leitura e escrita, se havia pontos de convergência com a abordagem discursiva. Isso se dá devido ao fato de, imersos em tempos tão retrógrados, ser necessário apontar caminhos na contra-hegemonia daquilo que está posto. Soma-se a isso o fato de compreender que documentos orientadores, como Propostas curriculares de Municípios, caminham, em sua grande maioria, alinhados às Políticas Nacionais, muitas vezes pressionados por demandas financeiras, o que não impede, que possam se organizar por meio de atalhos que contornem outras trilhas.

As perguntas aos profissionais foram construídas de forma a pedir que um diálogo pudesse ser instalado. Assim, a primeira perguntada realizada foi: o que você faz no primeiro dia de aula do primeiro ano?

A professora A destacou:

*Com vinte e cinco crianças dentro de uma sala de aula, cheia de carteiras, às vezes é muito difícil de tu propor uma roda, de tu sentar no chão... Eu sinto falta desse espaço. Por isso, quando eu tenho disponibilidade eu levo eles para a rua, para o pátio, no próprio refeitório e eu peço para eles fazerem uma roda. (Relato da professora*

A).

O professor B, entretanto, demonstrou seguir um outro caminho:

*A primeira coisa que eu procuro fazer é buscar conhecer em que nível que estão as crianças, o que eles conhecem, o que eles já sabem, né, e a gente procura saber se já reconhece o nome, se já sabe as letrinhas iniciais do nome, e assim vai investigando, é investigação né? Para depois começar assim com as letras que geralmente começam com as vogais, o A E I O U, e assim vai inserindo as letras para ver o que eles já conseguem estar fazendo. É geralmente com atividades. Mas, às vezes tem crianças que não expressam na atividade. Então tu tem que dar um joguinho pra talvez ver ela, como vou falar... interagir com o coleguinha e na interação tu fica atento, porque às vezes entre eles ele fala e com o professor não fala porque não se sente seguro ainda.*

*(Relato do professor B).*

Com estes dois registros podemos considerar que mesmo optando por caminhos diferentes, ambos os profissionais destacam o diálogo. Há uma preocupação do professor B com o “nível” de conhecimento das crianças, que também é legítima, já apontando para um caminho que costuma seguir: da identificação do nome das crianças, das vogais, que nos sugere, um caminho de “marcha sintética” e que nesta fala não nos remete a uma ideia aproximada com a perspectiva discursiva.

Sobre docência e os aspectos metodológicos do ensino da leitura e da escrita, questionamos os(as) professores(as) sobre a maneira com a qual eles sistematizam o caminho que escolhem para alfabetizar. Sobre isso, a professora A destacou:

*Em todas as minhas atividades de alfabetização eu tento trazer sempre o lúdico, sabe? [...] Eu faço muitos jogos, muitos trabalhos em sala, vou vendo a alfabetização, mas sempre de forma lúdica. (Relato da professora A).*

Em relação à ludicidade, o professor B, entretanto, aponta que:

*O lúdico nem sempre é necessário – está escrito que tem que ser assim. Alguns professores se perdem nesse lúdico, nesses jogos.... Depois os colegas reclamam, nos anos seguintes, que não escrevem e não leem. (Relato do professor B).*

Ainda sobre a docência e os caminhos metodológicos, questionamos se concordam ou não com a ideia de que devemos iniciar o ensino por meio da leitura, para depois aprofundar a escrita:

*Eu trabalho junto. Eu acho que não dá pra ficar só na leitura porque através da escrita também se grava, se memoriza... E a escrita acompanha. Até a parte de desenhar letra com massinha, de fazer uma brincadeira diferente, lá na educação infantil né? Eu acho bem*

*importante pra eles já verem o desenho da letra, a forma né? Porque tem que começar a ver a forma, um dia vai precisar. E eu procuro sempre trabalhar assim... como eu já fui (professor) até o ensino médio, com algum aluno, com alguma disciplina, eu via o que ele ia precisar no outro ano. Então, às vezes tem professor que trabalha não pensando no próximo ano, mas pensa apenas no seu ano, mas alguma coisinha eu tenho que puxar do próximo ano. Então se eu não puxar a escrita no primeiro ano como que vai dar conta no segundo? Porque no segundo escreve bastante já e precisa ter um pouquinho de noção de outro tipo de letra e além de não ficar só na leitura, eu ainda trabalho todas as formas de letra mostrando, mostrando... não cobrando, mas mostrando as quatro formas. (Relato do professor B).*

Podemos inferir que o professor mesmo valorizando a importância de se trabalhar escrita e leitura simultaneamente, destaca aspectos muito relacionados à mecânica da escrita, à técnica e também ao fato de no próximo ano escolar fazer com que a criança consiga escrever conforme as demandas.

A professora A, sobre as estratégias que utiliza para sistematizar o ensino da leitura e escrita, afirma:

*Olha, como eles vem do pré, a sequência lá é apresentar as letrinhas né? Eles apresentam a letra do alfabeto e trabalham o nome, né? Então o que eu faço?! Eu dou sequência ao que foi trabalhado no pré, só que agora de uma forma mais ampla. Lá, eles aprendem só a letrinha, aqui eu vou apresentar a letra e as sílabas, mostrando pra eles que uma palavra ela é formada de letras e sílabas e cada sílaba tem um som. [...]. Então, é aí que eles vão começar: do menor para o maior. Da letra pra sílaba, da sílaba pra palavra, da palavra pra frase. E unindo a frase eu vou formar um texto. [...]. Assim, a leitura e a escrita vão fluindo. (Relato da professora A).*

Evidencia-se na fala do professor o caminho escolhido: das partes para o todo que, o que de certa maneira, já vem reverberando desde a Educação Infantil, a marcha sintética. Uma das questões levadas aos profissionais foi em relação aos conhecimentos que consideram ser indispensáveis ao alfabetizador:

*Olha, eu já venho há bastante tempo observando isso que tem professor, que por exemplo, que está lá no quinto ano mas poderia estar no terceiro porque ele não domina o conteúdo, não domina a classe. E isso influencia [...] ah, é porque eu gosto de trabalhar com a alfabetização. Mas não adianta só gostar! Não é só ter, ah tem vocação! Mas, não tem conhecimento, não tem a didática.... Eu acho que precisa saber como que a criança aprende, o jeito que a gente tem que fazer pra ela aprender [...] Eu não sei se eu diria Neurociência... algo voltado assim para essa área, de como eu devo alfabetizar. Tu tem que ter uma visão geral. (Relato do professor B).*

Em contrapartida, a professora A afirma que:

*Olha, tem que ter muita paciência e saber que cada criança tem o seu momento. Nenhuma criança é igual a outra. Nenhuma criança vai ter o mesmo ritmo que a outra. Eu até tenho conversado muito com os pais dos meus alunos nesse período de quarentena, eu digo para eles: Vocês acham que é fácil? As crianças não param! A professora Alfabetizador ele não senta! Ele senta ao lado do aluno, ele tá andando pela sala enquanto a criança copia do quadro, ele tem que estar observando. Se o professor alfabetizador pensar que vai dar o conteúdo e sentar ele está muito errado, não vai conseguir, porque a alfabetização é observação constante. Muitas vezes você tem que pegar na mão do aluno porque muitos vêm sem a coordenação motora... observação constante e estudo constante! Porque a gente tem que estar se atualizando sempre. (Relato da professora A).*

Ambos os professores demonstram comprometimento e suas reflexões giram em torno do conhecimento a ser ensinado, como se dá o processo de ensino e aprendizagem, percepções sobre as crianças de modo geral, a necessidade de observar, se de preparar. Mesmo que essas reflexões assumam concepções que acabamos criticando (como a preocupação com a coordenação motora, por exemplo), que não explicitem uma concepção mais alargada de linguagem como possibilidade de interação humana, há de se reconhecer o esforço e o desejo de fazer o melhor.

Portanto, a partir destes destaques, percebemos o quanto a formação do alfabetizador é controversa e dicotômica. Nenhum dos profissionais mencionou, por exemplo, a necessidade de possuir conhecimentos linguísticos ou de conhecer com mais profundidade aspectos presentes na linguagem.

Considerando os limites deste trabalho, escolhemos elucidar três questões daquelas que foram levantadas durante o momento da entrevista. A partir daquilo que ouvimos, buscamos tecer reflexões que, de maneira geral, reforçam aquilo que já assumimos como premissa: os profissionais precisam ter acesso à formação de qualidade e às condições objetivas e subjetivas de trabalho.

## **5 Considerações Finais**

A partir das análises elaboradas com base naquilo que os participantes desta pesquisa gentilmente compartilharam conosco, percebemos que esses fundamentos, basilares da abordagem discursiva, ainda parecem estar pouco difundidos entre os alfabetizadores e alfabetizadoras do Brasil. Logo, conclui-se que os sujeitos participantes desta pesquisa, por meio das entrevistas, apresentaram indícios de que suas práticas alfabetizadoras estejam pautadas em vertentes mistas, as quais manifestam, em determinados momentos, vestígios de metodologias consideradas mais tradicionais, da mesma forma em que se inclinam

também para práticas metodológicas que se aproximam de uma concepção de alfabetização na perspectiva do letramento.

Tal constatação nos leva a concluir que é necessário, sobretudo neste tempo em que o diálogo com a Educação em contexto nacional parece estar sendo reacendido, extrapolar os limites da academia e levar a perspectiva discursiva para ser discutida no chão da escola.

## Referências

ANTÔNIO CARLOS. **Proposta Curricular da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Município de Antônio Carlos**. Antônio Carlos, 2019.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução a partir do russo de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

CORAIS, Maria Cristina. ALFABETIZAÇÃO COMO PROCESSO DISCURSIVO: apropriação da linguagem escrita com base na interação e discursividade. In: 39ª **Reunião Nacional da ANPEd**. Educação Pública e Pesquisa: ataques, lutas e resistências., 2019, Rio de Janeiro. Anais 39ª Reunião da ANPEd Educação Pública e Pesquisa: ataques, lutas e resistências. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. v. 39. p. 1-8.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **A escrita infantil**. São Paulo: Cortez, 2008.

GOULART, Cecília M.A. Para início de conversa sobre os processos de alfabetização e de pesquisa. In.: GOULART, Cecília M.A.; GARCIA, Inez Helena Muniz; CORAIS, Maria Cristina. (Orgs.). **Alfabetização e discurso: dilemas e caminhos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. Com quantos paus se faz uma canoa? Conhecimentos envolvidos na vasta cultura escrita e no processo de alfabetização. In.: GOULART, Cecília M.A. SOUZA, Marta. **Como alfabetizar?** Na roda com professoras dos anos iniciais. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A alfabetização como processo discursivo**. 1987. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

\_\_\_\_\_. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.